



RELATÓRIO
PRODUZIDO EM
COLABORAÇÃO
COM:



Water Footprint
NETWORK

ZSL
LIVING CONSERVATION

RELATÓRIO

INT

2014

A 3D topographic map of the Earth, showing landmasses in various colors (green, yellow, red, brown) representing elevation and terrain. The map is oriented vertically, with the top of the page showing the North Pole area.

Planeta Vivo

Relatório 2014

Sumário

A BIODIVERSIDADE ESTÁ DIMINUINDO RAPIDAMENTE, ENQUANTO A POPULAÇÃO É CRESCENTE E INSUSTENTÁVEL. POPULAÇÕES DE ESPÉCIES EM RISCO
PRECISAMOS DE 1,5 PLANETAS PARA SATISFAZER NOSSAS NECESSIDADES
SIGNIFICA QUE ESTAMOS ERODINDO NOSSO CAPITAL NATURAL PARA ATENDER
AS NECESSIDADES DAS GERAÇÕES FUTURAS. O DUPLO EFEITO DA
PEGADA ECOLÓGICA PER CAPITA ALTA MULTIPLICARÁ A PRESSÃO EM
PAÍSES COM UM NÍVEL ALTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. O
O DESAFIO QUE ESTES PAÍSES ENFRENTAM É AUMENTAR SEUS RECURSOS
SUAS PEGADAS ECOLÓGICAS EM NÍVEIS GLOBALMENTE SUSTENTÁVEIS
“LIMITES PLANETÁRIOS” QUE PODERIAM CAUSAR MUDANÇAS CLIMÁTICAS
ESTAR HUMANO DEPENDE DOS RECURSOS NATURAIS COMO ECOSISTÊMICOS
ECOSSISTÊMICOS TAL COMO POLINAÇÃO, CICLAGEM DE NUTRIENTES E
POBRES CONTINUAM A SER AS MAIS VULNERÁVEIS, ENQUANTO OS RECURSOS
HÍDRICA E ENERGÉTICA AFETAM TODOS. A PERSPECTIVA DE UM
PLANETA VIVO – SEU FOCO É PROTEGER O CAPITAL NATURAL E AUMENTAR
MAIS INTELIGENTE, REDIRECIONAR FLUXOS FINANCEIROS PARA O SETOR
EQUITATIVA. MUDAR DE RUMO E ACHAR CAMINHOS A SUSTENTÁVEIS

ANTO A DEMANDA DA HUMANIDADE SOBRE A NATUREZA
CIAS NO MUNDO TODO DIMINUÍRAM 52% DESDE 1970.
A DEMANDA ANUAL POR RECURSOS NATURAIS. ISSO
AL E FAZENDO COM QUE SEJA MAIS DIFÍCIL SATISFAZER
EITO DE UMA POPULAÇÃO HUMANA CRESCENTE E UMA
PRESSÃO QUE EXERCEMOS SOBRE NOSSOS RECURSOS. OS
NO TENDEM A TER UMA PEGADA ECOLÓGICA MAIS ALTA.
SEU NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E MANTER
STENTÁVEIS. É POSSÍVEL QUE JÁ ULTRAPASSAMOS OS
CAS AMBIENTAIS ABRUPTAS OU IRREVERSÍVEIS. O BEM-
D ÁGUA, TERRA ARÁVEL, PESCA E MADEIRA; E SERVIÇOS
RIENTES E CONTROLE DE EROSÃO. AS POPULAÇÕES MAIS
TO QUESTÕES INTERLIGADAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR,
ONE PLANET DA WWF OFERECE SOLUÇÕES PARA UM
L, PRODUZIR DE FORMA MELHOR, CONSUMIR DE FORMA
E COMPARTILHAR NOSSOS RECURSOS DE FORMA MAIS
LTERNATIVOS NÃO É FÁCIL. MAS PODE SER FEITO.

PREFÁCIO

Estamos todos juntos nessa

A última edição do Relatório Planeta Vivo não é para os fracos de coração. Uma questão chave que salta à vista é que o Índice Planeta Vivo (LPI, sigla em Inglês), que mede mais de 10.000 populações representativas de mamíferos, aves, reptéis e peixes, diminuiu 52% desde 1970. Em outras palavras, as populações de espécies de vertebrados diminuíram pela metade dentro de menos que duas gerações humanas. Estes são as formas vivas que constituem a estrutura dos ecossistemas que sustentam a vida na Terra – e são um barômetro do que estamos fazendo com nosso próprio planeta, nossa única casa. Ignorar este declínio é correr um grave risco.

Estamos usando as dádivas da natureza como se tivesse mais que uma Terra à nossa disposição. Tomar dos ecossistemas e processos naturais mais do que pode ser repostos põe em perigo nosso próprio futuro. A conservação da natureza e o desenvolvimento sustentável andam de mãos dadas. Não se trata apenas da preservação da biodiversidade e áreas naturais, se trata também de salvaguardar o futuro da humanidade – nosso bem-estar, nossa economia, nossa segurança alimentar, nossa estabilidade social, e nossa própria sobrevivência.

Num mundo onde tantas pessoas vivem na pobreza, pode parecer que proteger a natureza é um luxo. Muito pelo contrário. Para muitas das pessoas mais pobres do mundo é a salvação. Também, é importante que reconheçamos que estamos todos juntos nessa. Cada um de nós precisa de alimentos nutritivos, água e ar limpo – onde quer que se viva.

A situação é tão preocupante que parece difícil se sentir positivo em relação ao futuro. Difícil, com certeza, mas não impossível porque é dentro de nós - o problema - que podemos descobrir a solução. Agora, temos que trabalhar para que a próxima geração possa agarrar a oportunidade que não conseguimos aproveitar até agora para fechar este capítulo destrutivo de nossa história e construir um futuro em que as pessoas possam viver e prosperar em harmonia com a natureza.

Estamos todos conectados e, coletivamente, temos o potencial de achar e adotar as soluções para salvaguardar o futuro do nosso único planeta.

Marco Lambertini
Diretor Geral
WWF Internacional



© WWF-Canon / Matthew Lae

TEMOS QUE TRABALHAR PARA QUE A PRÓXIMA GERAÇÃO POSSA AGARRAR A OPORTUNIDADE QUE NÃO CONSEGUIMOS APROVEITAR ATÉ AGORA PARA FECHAR ESTE CAPÍTULO DESTRUTIVO DE NOSSA HISTÓRIA E CONSTRUIR UM FUTURO EM QUE AS PESSOAS POSSAM VIVER E PROSPERAR EM HARMONIA COM A NATUREZA.

ESPÉCIES E ESPAÇOS, PESSOAS E LUGARES

Nossas sociedades e economias dependem de um planeta saudável

Desenvolvimento sustentável tem recebido grande destaque na agenda internacional durante os últimos 25 anos. As dimensões ambiental, social e econômica do desenvolvimento é um assunto tratado com seriedade pelas pessoas. No entanto, continuamos a enfatizar o componente econômico em detrimento do componente ambiental. Corremos o risco de solapar os ganhos sociais e econômicos por não reconhecer nossa dependência fundamental dos sistemas ecológicos. Estabilidade social e econômica é possível apenas se tivermos um planeta saudável.

Ecossistemas sustentam sociedades que criam economias, e não o contrário. No entanto, embora o ser humano seja um produto da natureza, nos tornamos uma força dominante que molda sistemas ecológicos e biofísicos. Assim, ameaçamos não apenas nossa saúde, prosperidade e bem-estar, mas também nosso próprio futuro. O Relatório Planeta Vivo® 2014 revela os efeitos da pressão que exercemos no planeta. Investiga as implicações para a sociedade. E enfatiza a importância das escolhas que fazemos e passos que damos para assegurar que este planeta vivo possa continuar a sustentar todos, da geração atual e das gerações que estão por vir.

Figura 1: Ecossistemas sustentam sociedades que criam economias.

Relatório Planeta Vivo 2014

Este folheto apresenta um resumo da décima edição do Relatório Planeta Vivo da Rede WWF – uma publicação bianual que documenta o estado do planeta – as mudanças no estado da biodiversidade, ecossistemas e demanda da humanidade pelos recursos naturais – e as implicações destas mudanças para a humanidade.

O relatório pode ser baixado na íntegra em wwf.panda.org/lpr





UM PLANETA VIVO

Restam apenas cerca de 880 gorilas de montanha na natureza – dos quais aproximadamente 200 estão no Parque Nacional de Virunga na República Democrática do Congo (RDC). Embora continuem criticamente ameaçados, é a única espécie de grandes símios cuja população está aumentando, graças a intensos esforços de conservação.

Os gorilas de montanha estão entre as 218 espécies de mamíferos encontradas em Virunga junto com 706 espécies de aves, 109 espécies de répteis, 78 espécies de anfíbios e mais de 2.000 espécies de plantas. No entanto, foram aprovadas concessões para a exploração de petróleo em mais de 85% da área do parque, pondo em dúvida o seu futuro. A exploração de petróleo poderá levar à degradação do habitat e à perda do status de área protegida e Sítio do Patrimônio Mundial Natural, deixando sua biodiversidade cada vez mais vulnerável.

Globalmente, a degradação e perda de habitat, a caça e as mudanças climáticas são as principais ameaças enfrentadas pela biodiversidade. Estes fatores contribuíram para uma queda de 52% no Índice Planeta Vivo desde 1970 – em outras palavras, o número de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes com que compartilhamos este planeta diminuiu pela metade.

O ÍNDICE DO PLANETA VIVO

A biodiversidade diminuiu pela metade nos últimos 40 anos

O estado atual da biodiversidade do planeta parece estar pior do que nunca. O Índice do Planeta Vivo® (LPI, sigla em Inglês), que mede as tendências de milhares de populações de vertebrados, diminuiu 52% entre 1970 e 2010 (Figura 1). Em outras palavras, a quantidade de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes em todo o planeta é, em média, a metade do que era 40 anos atrás. Esta redução é muito maior do que a que foi divulgada em relatórios anteriores em função de uma nova metodologia que visa obter uma amostra mais representativa da biodiversidade global.

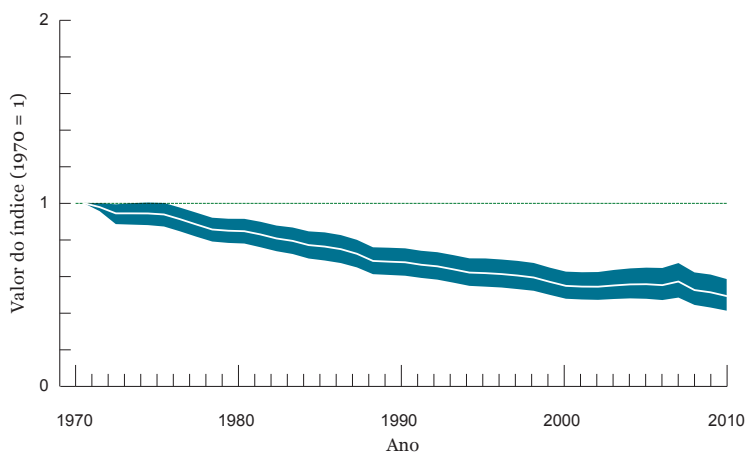
A biodiversidade está diminuindo em regiões temperadas e tropicais, mas a redução é maior nos trópicos. Entre 1970 e 2010, o LPI temperado diminuiu 36% em 6.569 populações das 1.606 espécies em regiões temperadas, ao passo que o LPI tropical diminuiu 56% em 3.811 populações das 1.638 espécies em regiões tropicais durante o mesmo período. A redução mais dramática aconteceu na América Latina – uma queda de 83%. As principais causas destas reduções são a perda de habitats e a degradação e exploração decorrente de caça e pesca. As mudanças climáticas são a segunda ameaça primária mais significativa e é provável que exercerão mais pressão sobre as populações no futuro.

Figura 2: O Índice do Planeta Vivo (LPI). (WWF, ZSL, 2014).

O LPI global diminuiu 52% entre 1970 e 2010, sugerindo que o tamanho das populações de vertebrados é, em média, a metade de que era 40 anos atrás. Isto se baseia nas tendências de 10.380 populações de 3.038 espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes. A linha preta mostra os valores do índice e as áreas sombreadas representam o intervalo de confiança de 95% ao redor das tendências (WWF, ZSL, 2014).

Legenda

Índice global Planeta Vivo





**ESPÉCIES TERRESTRES
DIMINUÍRAM 39% ENTRE
1970 E 2010**

LPI Terrestre

Espécies terrestres diminuíram 39% entre 1970 e 2010 e esta tendência não mostra sinal de desaceleração. A perda de habitat para abrir o caminho para atividades humanas – particularmente para a agricultura, desenvolvimento urbano e geração de energia – agravada pela caça, continua a ser uma grande ameaça.



**O LPI DE ESPÉCIES DE
ÁGUA DOCE DIMINUIU EM
MÉDIA 76%.**

LPI de Água doce

O LPI de espécies de água doce diminuiu em média 76%. As principais ameaças para espécies de água doce são a perda e fragmentação de habitat, poluição e espécies invasoras. Mudanças no nível da água e conectividade dos sistemas de água doce – causado, por exemplo, por irrigação e represas de usinas hidrelétricas – têm um grande impacto nos habitats de água doce.



**ESPÉCIES MARINHAS
DIMINUÍRAM 39% ENTRE
1970 E 2010**

Marine LPI

Espécies marinhas diminuíram 39% entre 1970 e 2010. A redução mais acentuada aconteceu no período entre 1970 e meados dos anos 80, seguido por um período de certa estabilidade, antes de outro período de declínio em anos recentes. As reduções mais marcantes são nos trópicos e Oceano Austral– espécies em declínio incluem tartarugas marinhas, várias espécies de tubarões, e grandes aves marinhas migratórias como o albatroz-errante.

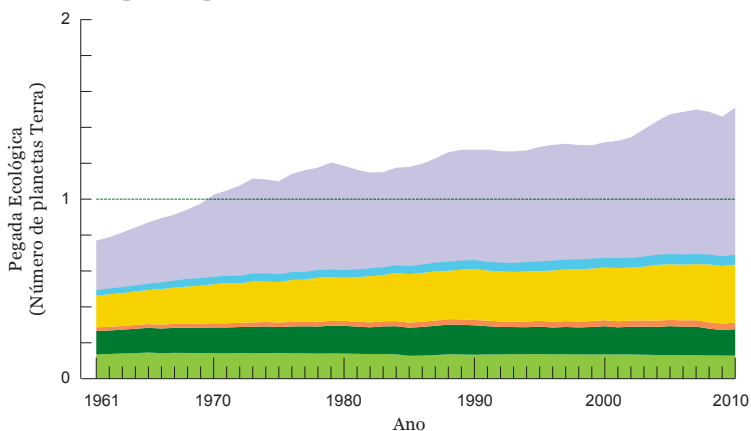
A PEGADA ECOLÓGICA

Estamos usando mais recursos do que a Terra pode fornecer

Há mais de 40 anos, a demanda da humanidade sobre a Natureza ultrapassa a capacidade de reposição do planeta. Seria necessária a capacidade regenerativa de 1,5 Terras para fornecer os serviços ecológicos que usamos anualmente. “Sobrecarga” é possível – por enquanto – porque podemos cortar árvores mais rápido do que amadurecem, pescar mais peixe do que os oceanos podem repor, ou emitir mais carbono para a atmosfera do que as florestas e oceanos podem absorver. Mas as consequências são uma diminuição nos recursos naturais e uma acumulação de resíduos que excede a capacidade de absorção ou reciclagem. Um exemplo disso é a crescente concentração de carbono na atmosfera.

A Pegada Ecológica mede a quantidade de terra biologicamente produtiva (ou biocapacidade) necessária para prestar os serviços que usamos: inclui áreas de cultivo, pastagens, áreas urbanizadas, estoques pesqueiros e florestas produtivas. Também inclui a pegada de carbono, que é a quantidade de floresta necessária para absorver as emissões adicionais de dióxido de carbono que os oceanos não conseguem absorver. Biocapacidade e a Pegada Ecológica são representadas utilizando uma unidade de medida comum chamada hectare global (gha, sigla em Inglês).

Há 50 anos, o carbono derivado da queima de combustíveis fósseis é o principal componente da Pegada Ecológica da humanidade, e mantém uma tendência ascendente. Em 1961, o carbono respondia por 36% de nossa Pegada total, enquanto em 2010 respondia por 53%.



UM HECTARE GLOBAL (GHA) REPRESENTA UM HECTARE BIOLÓGICAMENTE PRODUTIVO COM A PRODUTIVIDADE MÉDIA MUNDIAL

Figura 3: Os componentes da Pegada Ecológica: a pegada de carbono responde por mais da metade da Pegada Ecológica Global total. (Global Footprint Network, 2014).

Legenda

- Carbono
- Estoques pesqueiros
- Áreas de cultivo
- Áreas construídas
- Florestas
- Pastagens

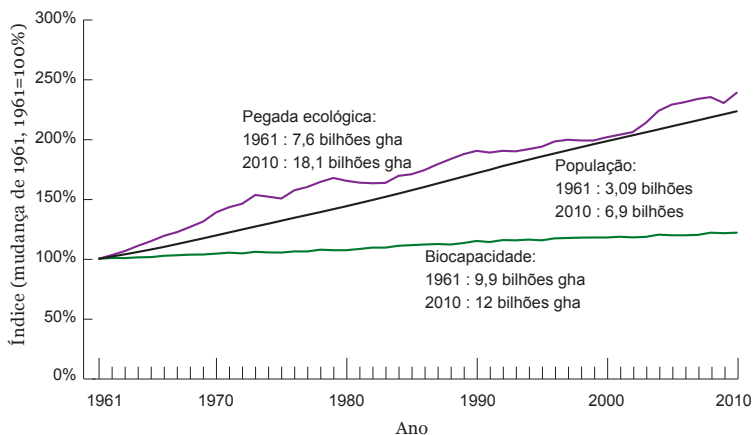
Avanços tecnológicos, insumos agrícolas e irrigação estimularam um aumento de rendimento médio por hectare de áreas produtivas, especialmente em áreas de cultivo. Isso significa que a biocapacidade total do planeta aumentou de 9,9 bilhões para 12 bilhões de hectares globais (gha) nos últimos 50 anos. No entanto, no mesmo período, a população mundial aumentou de 3,1 bilhões para 7 bilhões. Como resultado, a biocapacidade disponível per capita encolheu de 3,2 para 1,7 gha, enquanto a Pegada Ecológica per capita aumentou de 2,5 para 2,7 gha. Então, embora a biocapacidade global tenha aumentado, não há suficiente para todos – e a humanidade ficou para trás na sua busca para um futuro sustentável. Com uma projeção de uma população mundial de 9,6 bilhões em 2050 e 10,9 bilhões em 2100, a quantidade de biocapacidade disponível para cada um de nós deve encolher ainda mais.

EM 2010, A PEGADA ECOLÓGICA GLOBAL ERA 18,1 BILHÕES DE HECTARES, OU 2,6 GHA PER CAPITA. A BIOCAPACIDADE TOTAL DA TERRA ERA 12 BILHÕES DE HECTARES, OU 1,7 GHA PER CAPITA

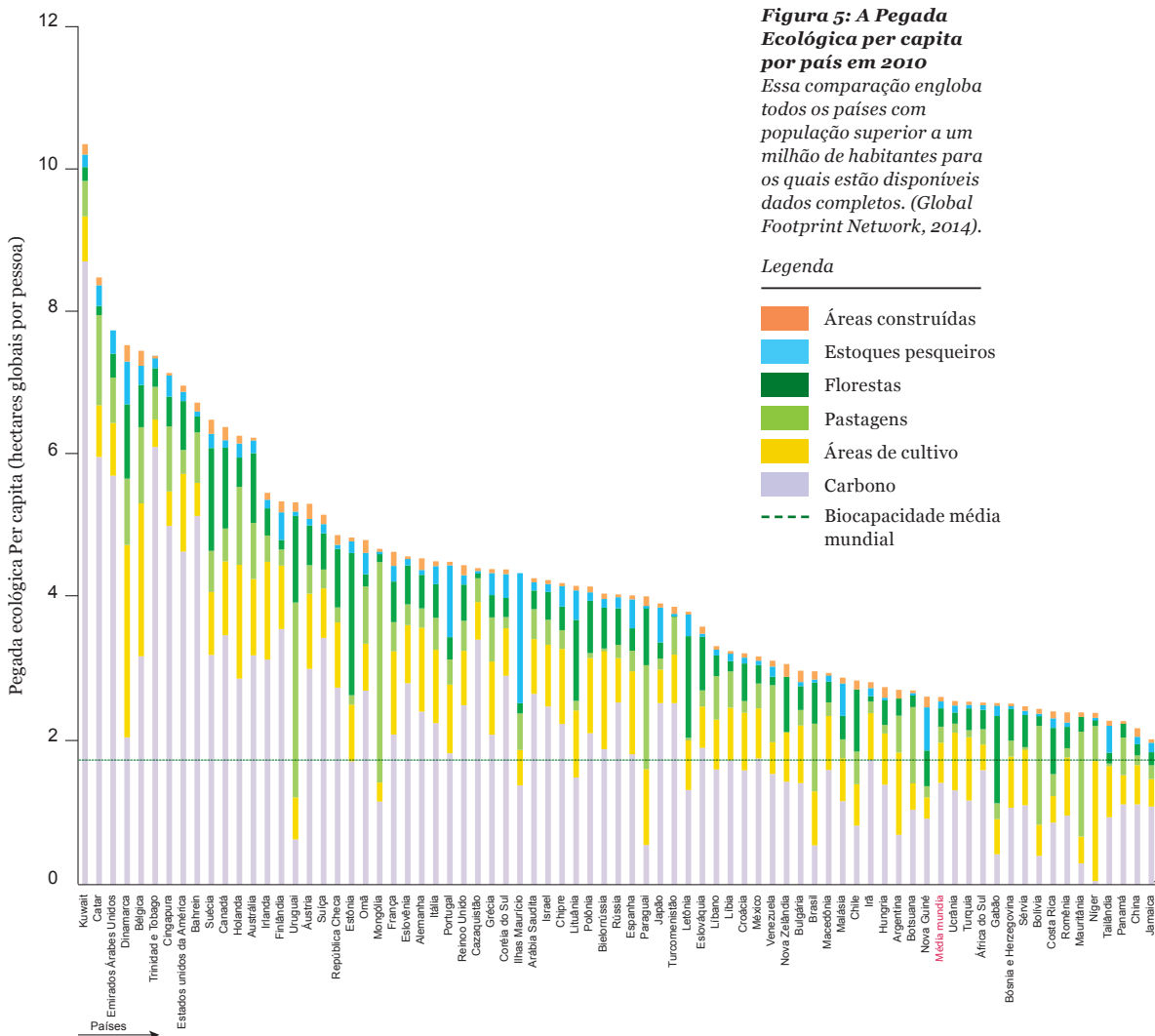
Figura 4: A Pegada Ecológica Global crescente: a Pegada Ecológica - que mede a área de terra necessária para fornecer os serviços ecológicos utilizados – aumentou em ritmo mais rápido do que a biocapacidade global – a terra realmente disponível para fornecer estes serviços. O aumento da produtividade do planeta não foi suficiente para compensar as demandas da população crescente. (Global Footprint Network, 2014).

Legenda

- Biocapacidade
- Pegada ecológica
- População



PEGADA POR PAÍS

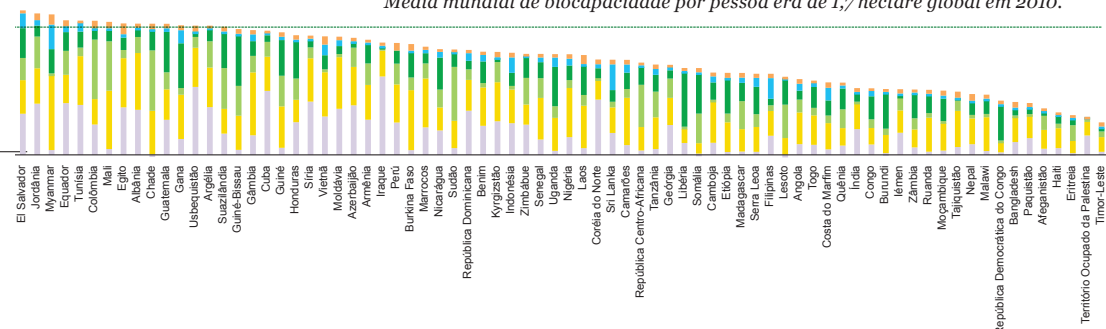


O tamanho e composição da Pegada Ecológica per capita de uma nação são determinados pela quantidade média de bens e serviços utilizada por uma pessoa e pela eficiência na utilização dos recursos, incluindo combustíveis fósseis, para fornecer estes bens e serviços. Não é de estranhar que a maioria dos 25 países com a maior Pegada Ecológica per capita são nações de renda alta; e para praticamente todos estes países o carbono é o maior componente da Pegada.

A contribuição de cada nação para a sobrecarga ecológica global varia entre países. Por exemplo, se todas as pessoas do planeta tivessem uma pegada ecológica do tamanho da pegada per capita do Catar, precisaríamos de 4,8 planetas. Se tivéssemos o mesmo estilo de vida de uma pessoa dos Estados Unidos precisaríamos de 3,9 planetas. No caso de Eslováquia ou Coreia do Sul, precisaria de 2 ou 2,5 planetas, respectivamente, enquanto uma pessoa da África do Sul ou Argentina precisariam de 1,4 ou 1,5 planetas.

EM NÍVEL NACIONAL, A PEGADA DE CARBONO RESPONDE POR MAIS DO QUE A METADE DA PEGADA ECOLÓGICA EM UM QUARTO DOS PAÍSES ACOMPANHADOS

Média mundial de biocapacidade por pessoa era de 1,7 hectare global em 2010.



NECESSIDADES LOCAIS, PRESSÕES GLOBAIS

Nas feiras de Vitsumbi, as pessoas compram verduras frescas e peixes fresquinhos pescados no Lago Edward. O lago era o foco das atividades de exploração de petróleo realizadas na região pela empresa Britânica Soco International PLC. A empresa concordou em se retirar do Parque Nacional de Virunga no início deste ano depois de uma campanha internacional liderada pela Rede WWF.

Quando se fala em biocapacidade e recursos naturais, poucos países são mais ricos que a RDC. Apesar disso, a Pegada Ecológica de sua população é uma das mais baixas do planeta e o país ocupa o último lugar no ranking mundial do Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade.

A extração de petróleo em Virunga, para ajudar abastecer os estilos de vida não sustentáveis de países de renda alta, podem resultar em lucros de curto prazo para poucos, mas é pouco provável que promovam desenvolvimento de verdade: no Delta do Níger, os índices de pobreza e desigualdade pioraram desde a descoberta de petróleo. A longo prazo, o único caminho para o povo congolês satisfazerem suas necessidades e melhorar as perspectivas é através da gestão sustentável e utilização inteligente do capital natural do país.





DEMANDAS DESIGUAIS, CONSEQUÊNCIAS DESIGUAIS

Os países de baixa renda têm as menores pegadas, mas sofrem as maiores perdas ecossistêmicas

Há mais de meio século, a pegada ecológica per capita dos países de renda alta é maior do que a biocapacidade per capita do planeta e estes países dependem em grande parte da biocapacidade de outros países para sustentar seu estilo de vida. A já pequena pegada ecológica per capita de países de renda média e renda baixa aumentou muito pouco durante o mesmo período.

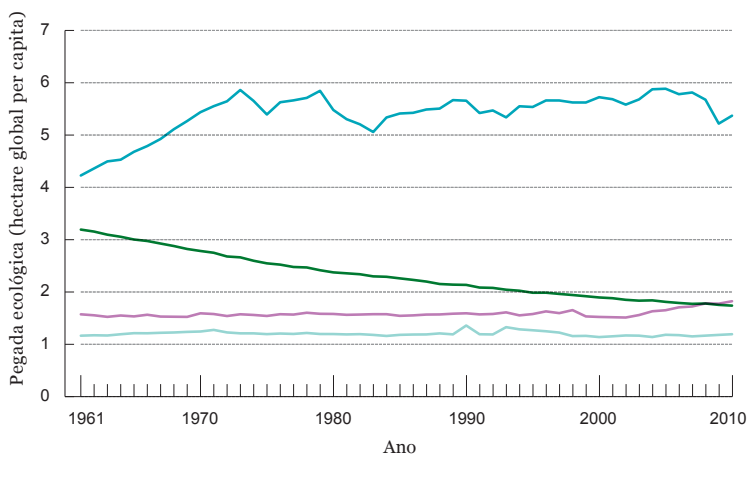


Figura 6: A Pegada Ecológica per capita (gha) em países de renda alta, média e baixa (dados e classificação do Banco Mundial) entre 1961 e 2010 A linha verde representa a média de biocapacidade per capita em nível mundial. (Global Footprint Network, 2014).

Legenda

- Alta renda
- Renda média
- Baixa renda
- Biocapacidade mundial

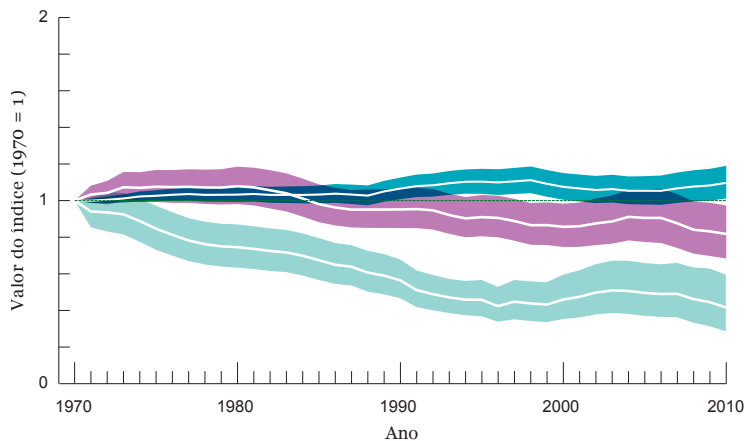
Uma comparação entre tendências de LPI em países de diferentes categorias de renda revela diferenças dramáticas. Enquanto houve um aumento em biodiversidade (10%) em países de renda alta, os dados revelam uma redução (18%) em países de renda média e um declínio expressivo e dramático (58%) em países de baixa renda. No entanto, isto ofusca o fato de que houve perda de biodiversidade em grande escala antes de 1970 na Europa e América do Norte. Também, é possível que reflita a forma com que países de renda alta importam recursos – efetivamente terceirizando a perda de biodiversidade e seus impactos para os países de baixa renda.

AS TENDÊNCIAS NOS PAÍSES DE BAIXA RENDA CONTINUAM A SER CATASTRÓFICAS, TANTO PARA A BIODIVERSIDADE, QUANTO PARA AS PESSOAS

Figura 7: LPI e categorias de renda
(classificação do Banco Mundial), 1970-2010. (ZSL, WWF, 2014)

Legenda

- Alta renda
- Renda média
- Baixa renda



O CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Nenhum país alcançou um nível alto de desenvolvimento humano com uma pegada ecológica que seja sustentável numa escala global – mas alguns estão no rumo certo

Para um país alcançar desenvolvimento sustentável dentro de um contexto global, deve assegurar um padrão de vida decente e sua Pegada Ecológica per capita não deve ser maior do que a biocapacidade per capita disponível no planeta. Isso significa uma pegada per capita abaixo de 1,7 gha – a pegada per capita máxima que poderia ser extrapolada para o nível mundial sem resultar em sobrecarga. Um padrão de vida “decente” pode ser definido como um Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade (IDHAD do PNUD) de 0.71 ou mais. Atualmente, nenhum país cumpre ambos os critérios.

Figura 8: Correlação entre a Pegada Ecológica (2010) e IDHAD (2013). Cada ponto representa um país e as cores correspondem à região geográfica. O tamanho de cada ponto é proporcional ao tamanho da população. Nenhum país se encontra no quadrante de desenvolvimento sustentável global no canto inferior direito. (Global Footprint Network, 2014).

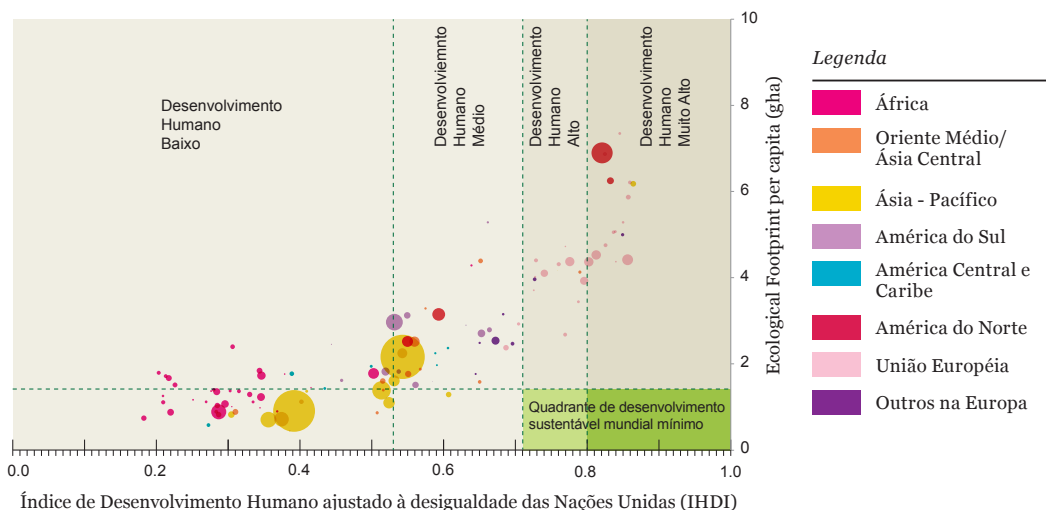
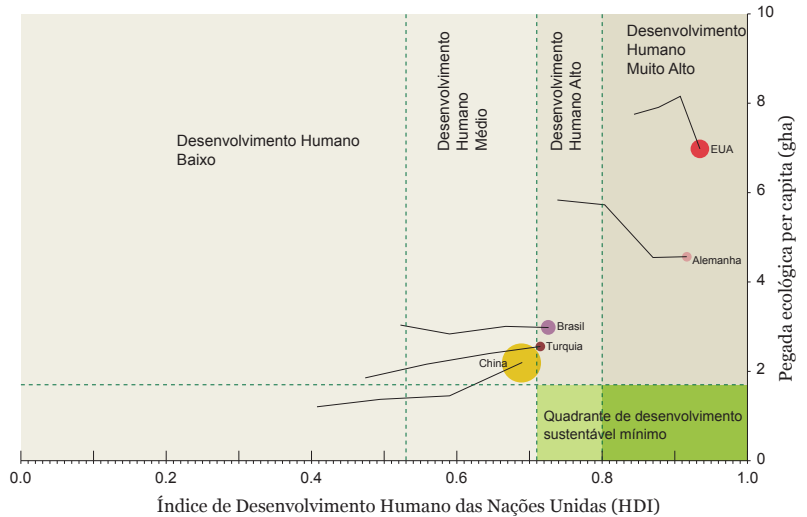


Figura 9: Comparação entre a Pegada Ecológica e IDH

Tendências ao longo do tempo (1980-2010) são mostradas para uma pequena seleção de países. As linhas pontilhadas representam os tetos do IDHs para desenvolvimento baixo, médio, alto e muito alto (Global Footprint Network, 2014). Obs.: Os IDHs utilizados neste gráfico não são ajustados à desigualdade porque o IDHAD foi introduzido somente em 2010.

Legenda

- Oriente Médio/Ásia Central
- Ásia -Pacífico
- América do Sul
- América do Norte
- União Européia



No entanto, alguns países estão no rumo certo. Os caminhos da progressão variam de país a país. A Figura 9 mostra que alguns países aumentaram o desenvolvimento humano de forma significativa com um aumento relativamente pequeno na Pegada Ecológica, enquanto outros países reduziram sua Pegada e ao mesmo tempo mantiveram altos níveis de desenvolvimento.

OS ELEVADOS NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO EM PAÍSES DE RENDA ALTA FORAM ALCANÇADOS À CUSTA DE PEGADAS ECOLÓGICAS GRANDES. DESACOPLAR E REVERTER ESTA RELAÇÃO É UM GRANDE DESAFIO GLOBAL

LIMITES PLANETÁRIOS

Definindo o “espaço seguro” para a vida na Terra

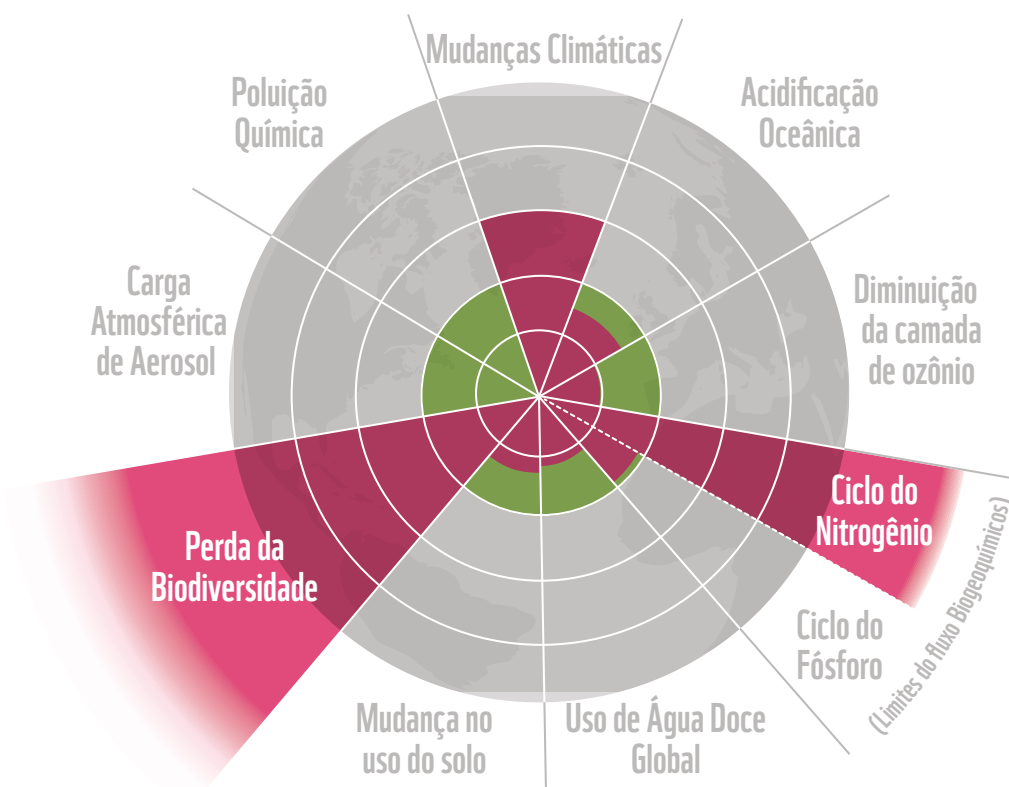
Complementary Informação complementar e indicadores aprofundam nosso entendimento de nosso planeta vivo, através de abrir o foco para questões globais ou aproximar o foco para regiões, temas ou espécies específicas. O ser humano tem lucrado enormemente com as condições ambientais extraordinariamente previsíveis e estáveis durante os últimos 10.000 anos – o período geográfico conhecido como Holoceno, que possibilitou a evolução das comunidades humanas e desenvolvimento das sociedades modernas de hoje. Mas o mundo passou para um novo período – o “Antropoceno” – no qual as atividades humanas são a principal força motriz de mudanças globais. Dado o ritmo e magnitude das mudanças, não podemos mais descartar a possibilidade de alcançar pontos de inflexão cruciais que são capazes de mudar as condições de vida do planeta de forma abrupta e irreversível.

Figura 10: Os limites planetários

Já ultrapassamos três dos nove limites planetários. (Stockholm Resilience Centre, 2009)

Legenda

- Progresso até 2009
- Limites de segurança



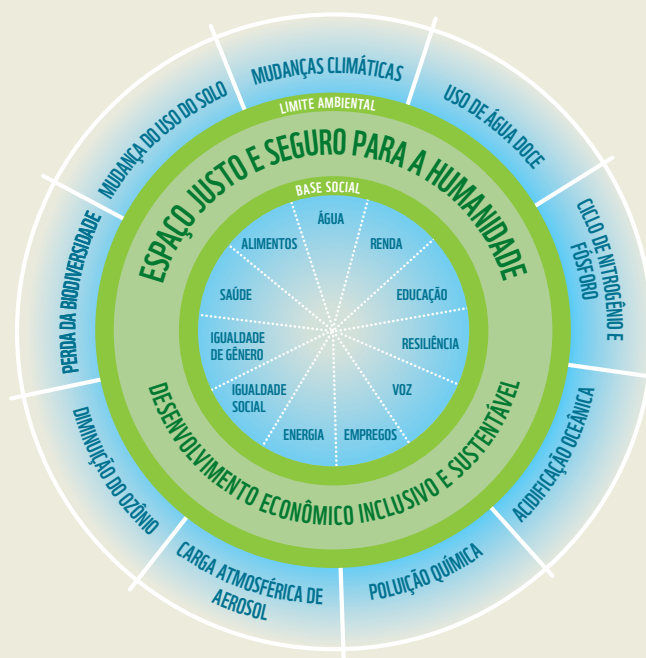
O conceito de limites planetários identifica os processos ambientais que regulam a estabilidade do planeta. Baseado nos melhores conhecimentos científicos disponíveis visa definir os limites seguros para cada processo. Se ultrapassarmos estes limites, entramos numa zona de perigo no qual é possível haver mudanças abruptas e negativas.

Embora seja impossível determinar pontos de inflexão exatos com algum grau de certeza, parece que três limites planetários já foram ultrapassados: perda de biodiversidade, mudanças climáticas e mudanças no ciclo de nitrogênio. As mudanças climáticas já afetam a biodiversidade e a biocapacidade do planeta, junto com o bem-estar da humanidade, particularmente no que diz respeito à segurança alimentar e hídrica.

O conceito de limites planetários sugere que o planeta que conhecíamos e de que lucramos durante o período Holoceno agora depende de nossas ações como gestores responsáveis do planeta.

Figura 11: A “Rosquinha da Oxfam” – um espaço operacional seguro e justo para a humanidade.

Seguro porque evita ultrapassar os pontos de inflexão ambientais, e justo porque assegura que cada pessoa atinja padrões mínimos de saúde, riqueza, poder e participação (Raworth, 2012).



O conceito de limites planetários também levanta a questão de justiça e desenvolvimento no contexto dos recursos de um único planeta. Ultrapassar o limite ambiental máximo leva a um nível de estresse ambiental inaceitável. Da mesma forma, abaixo do piso social existe privação humana inaceitável.





MENTES BRILHANTES

A geração de energia não precisa degradar o meio ambiente. Este soldador está trabalhando num projeto hidrelétrico comunitário em Mutwanga na RDC que depende da água do Parque Nacional de Virunga. O projeto, iniciativa da Autoridade Congoleza da Vida Silvestre, vai fornecer eletricidade para 25.000 pessoas, escolas, um hospital e um orfanato, além de gerar empregos e oportunidades de negócios. Ao mesmo tempo, a população que vive em torno do Parque terá mais motivação para cuidar de suas florestas e áreas úmidas que asseguram o abastecimento de água. Ao contrário de muitos empreendimentos hidrelétricos inapropriados e mal planejados no mundo todo, este projeto causará impacto mínimo sobre os ecossistemas.

No mundo todo, projetos como este demonstram que o desenvolvimento e a conservação podem andar de mãos dadas, e que a proteção do capital natural pode resultar em progresso socioeconômico genuíno.

PORQUE DEVEMOS NOS IMPORTAR

Mudanças ambientais afetam todos

Para muitas pessoas, devemos proteger o planeta Terra e a rede extraordinária de vida à qual pertencemos pelo seu valor intrínseco. Um senso de maravilhamento e profundo respeito perante a natureza estão enraizados em muitas culturas e religiões. As pessoas sentem uma afinidade instintiva com o provérbio bastante conhecido: “*Nós não herdamos a terra dos nossos antepassados, pedimos emprestada aos nossos filhos*”. No entanto, não somos bons gestores de nosso planeta. A forma com que satisfazemos nossas necessidades hoje está comprometendo a habilidade das gerações futuras de satisfazer suas necessidades – justo o contrário do desenvolvimento sustentável.



7,2 BILHÕES EM 2013
9,6 BILHÕES EM 2050

A população mundial cresce em ritmo acelerado.



3,6 BILHÕES EM 2011
6,3 BILHÕES EM 2050

A maioria da população do mundo agora vive em cidades.

2 BILHÕES



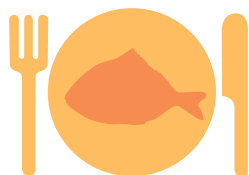
Ecosistemas florestais fornecem abrigo, meios de vida, água, combustível e segurança alimentar para mais de 2 bilhões de pessoas.

70% E 30%



A produção de alimentos responde por cerca de 70% do consumo de água e 30% do consumo de energia em nível global.

15%



A pesca fornece 15% da proteína animal de nossa dieta, e até 50% da dieta de pessoas em muitos dos países menos desenvolvidos da África e Ásia.

45%



45% da água doce consumida pelos países industrializados é utilizada para a geração de energia.



A prosperidade e bem-estar da humanidade – de fato nossa própria existência – dependem de ecossistemas saudáveis e dos serviços que prestam, incluindo água limpa e clima habitável, alimentos, combustível, fibra e solos férteis. Nos últimos anos, houve avanços na quantificação do valor financeiro do capital natural e seus dividendos. Tais avaliações apresentam argumentos econômicos para conservar a natureza e viver de forma sustentável – no entanto, qualquer avaliação de serviços ecossistêmicos é uma “subestimação grosseira da infinidade”, pois sem eles não haverá vida na Terra.

660 MILHÕES

Ecossistemas marinhos sustentam mais de 660 milhões de empregos em nível mundial.



UM TERÇO

Um terço das grandes cidades do planeta depende de áreas protegidas para seu abastecimento de água potável.



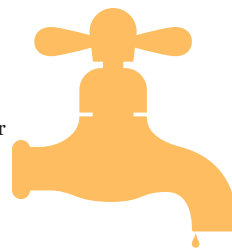
US\$6,6 TRILHÕES

O custo global estimado dos danos ambientais em 2008 foi US\$6,6 trilhões – equivalente a 11% do PIB global.



>40%

Projeções demonstram que a demanda global por água doce excederá em 40% a oferta.



768 MILHÕES

768 milhões de pessoas não têm acesso à água limpa e segura.



39 DE 63

39 das 63 áreas urbanas mais populosas do mundo são expostas a pelo menos um risco natural – incluindo enchentes, ciclones e secas.



ALIMENTOS, ÁGUA E ENERGIA

Nossas demandas estão ligadas à saúde da biosfera

Dado que a população mundial é projetada para crescer 2 bilhões até 2050, prover todas as pessoas com os alimentos, água e energia que precisam é um desafio assustador. Hoje quase um bilhão de pessoas passam fome, 768 milhões de pessoas não têm acesso à água limpa e segura e 1,4 bilhões de pessoas não têm acesso à fontes de energia confiáveis. As mudanças climáticas e degradação dos ecossistemas e recursos naturais exacerbam ainda mais esta situação. As populações mais pobres continuam a ser as mais vulneráveis, enquanto questões ligadas à segurança alimentar, hídrica e energética afetam todos.

A segurança alimentar, hídrica e energética e a saúde dos ecossistemas estão estreitamente ligadas. Esta interdependência significa que os esforços de assegurar um aspecto podem facilmente desestabilizar os outros – por exemplo, as tentativas de aumentar a produtividade agrícola poderão resultar num aumento da demanda por insumos como água e energia, e impactar a biodiversidade e serviços ecossistêmicos.

A forma com que suprimos nossas demandas afetam a saúde dos ecossistemas, e a saúde dos ecossistemas afeta nossa habilidade de satisfazer estas demandas. Isto é relevante tanto para as comunidades rurais mais pobres – que muitas vezes dependem diretamente da natureza para obter seus meios de vida – quanto para as grandes cidades do mundo, que são cada vez mais vulneráveis a ameaças como enchentes e poluição decorrentes da degradação ambiental.

Proteger a natureza e usar seus recursos de forma responsável é pré-requisito para o desenvolvimento humano e seu bem-estar e para construir comunidades resilientes e saudáveis.

HOJE, QUASE UM BILHÃO DE PESSOAS PASSAM FOME, 768 MILHÕES DE PESSOAS NÃO TÊM ACESSO À ÁGUA LIMPA E SEGURA E 1,4 BILHÕES DE PESSOAS NÃO TÊM ACESSO À FONTES DE ENERGIA CONFIÁVEIS

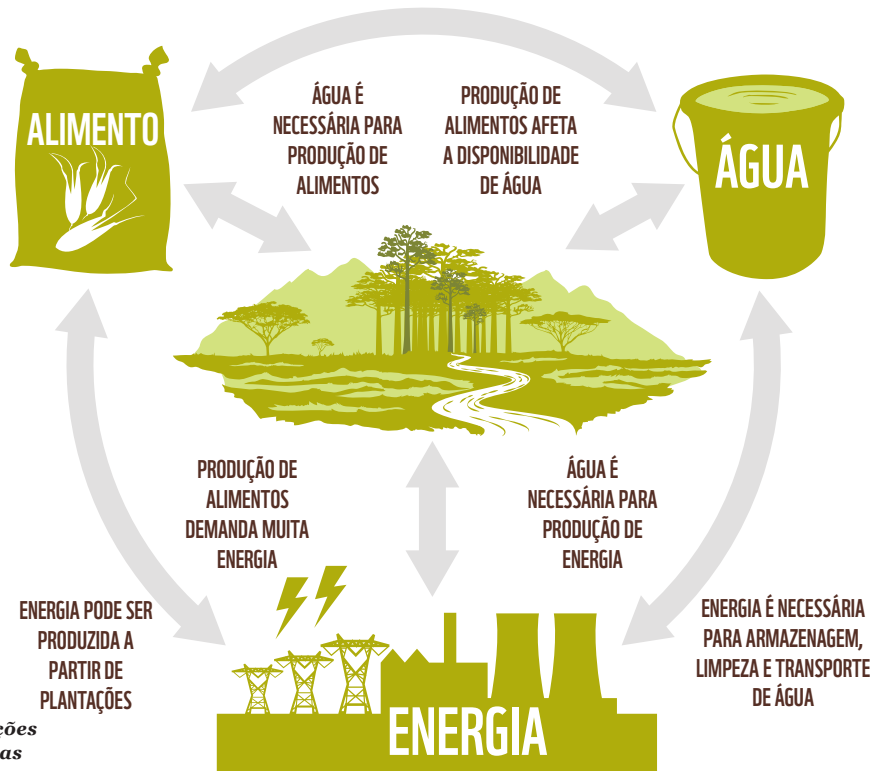


Figura 12: as relações e interdependências entre a biosfera e segurança alimentar, hídrica e energética.

Como produzimos alimentos, usamos água ou geramos energia impacta a biosfera que sustenta estas necessidades.

COMUNIDADES SAUDÁVEIS SÃO O ALICERCE DE NOSSO BEM-ESTAR FÍSICO, MENTAL E SOCIAL. E O ALICERCE DE COMUNIDADES SAUDÁVEIS É UM MEIO AMBIENTE SAUDÁVEL

SOLUÇÕES BASEADAS NA PERSPECTIVA ONE PLANET

Escolhas melhores podem ser feitas e soluções práticas existem mesmo

“A Perspectiva *One Planet* da WWF” esboça escolhas melhores para gerenciar, usar e repartir os recursos naturais dentro dos limites do planeta – para garantir segurança hídrica, alimentar e energética para todos.



PRESERVAÇÃO DO CAPITAL NATURAL
restaurar ecossistemas degradados, frear a perda de habitats prioritários, expandir áreas protegidas de forma significativa



MELHOR PRODUÇÃO
reduzir insumos e resíduos, gerenciar recursos de forma sustentável, aumentar a produção de energia renovável



CONSUMO MAIS INTELIGENTE
através de estilos de vida que levam uma baixa pegada ecológica, uso sustentável de energia e padrões de consumo de alimentos mais saudáveis



FLUXO FINANCEIRO REDIRECIONADO
valorizar a natureza, levar em consideração os custos ambientais e sociais, apoiar e compensar conservação, gestão sustentável de recursos naturais e inovação



GOVERNANÇA EQUITATIVA DE RECURSOS
compartilhar os recursos disponíveis, fazer escolhas fundamentadas na justiça e sustentabilidade ecológica, medir sucesso além do PIB

MELHORES ESCOLHAS



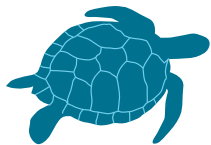
Figura 13:
Perspectiva One
Planet (WWF, 2012).

A PERSPECTIVA ONE PLANET EM AÇÃO

Leia mais sobre estes estudos de caso em
wwf.panda.org/lpr



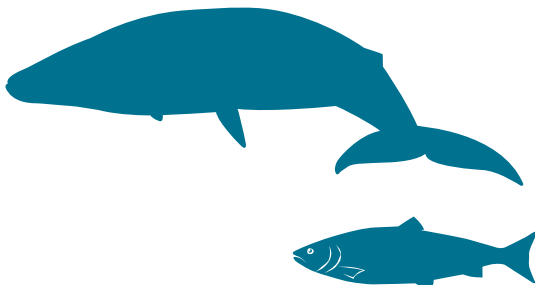
Dinamarca: Energia eólica forneceu 57,4% da energia consumida na Dinamarca em dezembro de 2013 – resultado de décadas de inovação e políticas públicas incentivadoras.



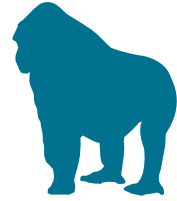
Belize: Um novo plano de gestão da zona costeira está sendo implementado que leva em consideração o imenso valor dos ecossistemas naturais como recifes de corais e mangues para o turismo, pesca e proteção da linha de costa.



O Desafio das Cidades da Hora do Planeta: num crescente número de cidades demonstra sua vontade de liderar a transição para uma pegada mais baixa e um futuro sustentável.

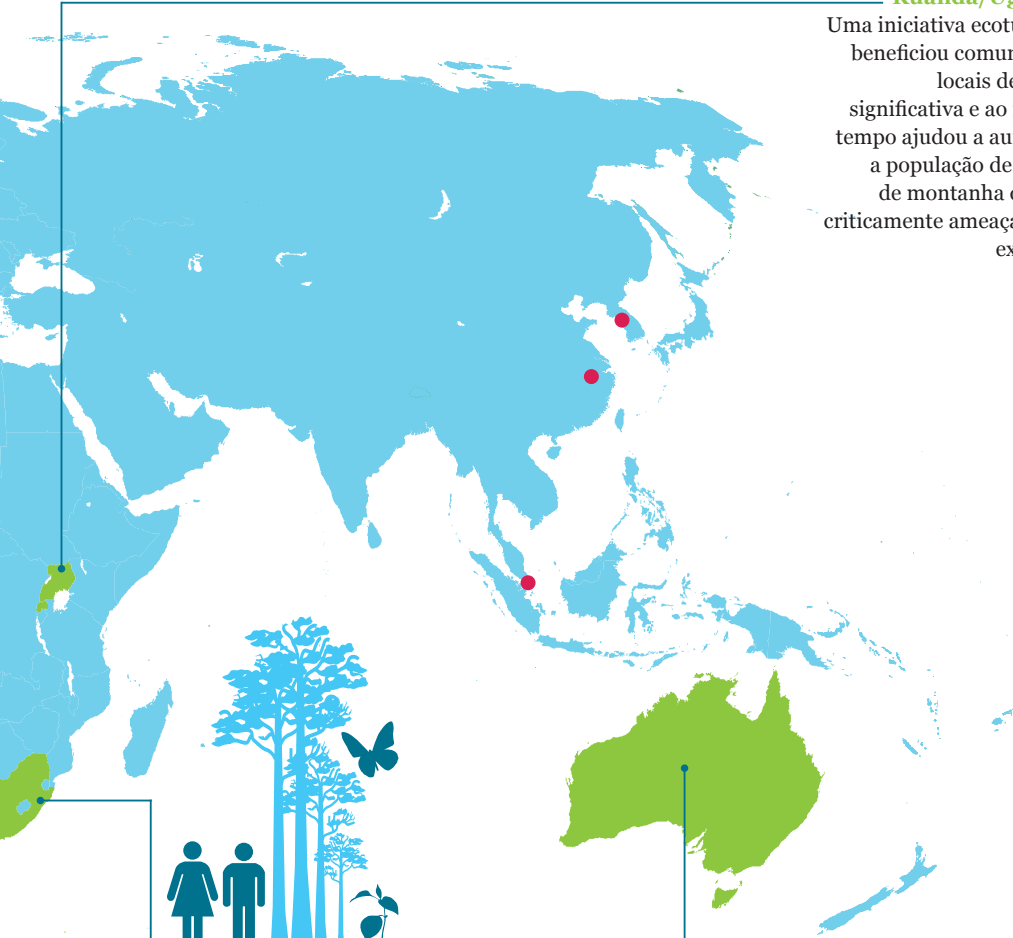


Chile: Conservacionistas estão trabalhando com parceiros, incluindo comunidades indígenas, a indústria da pesca e da aquicultura, governos, e com o setor financeiro e setor de varejo para proteger um dos ecossistemas marinhos mais importantes do mundo.



Ruanda/Uganda:

Uma iniciativa ecoturística beneficiou comunidades locais de forma significativa e ao mesmo tempo ajudou a aumentar a população de gorilas de montanha que são criticamente ameaçados de extinção.



África do Sul: Planejamento do uso e ocupação da terra inteligente ajudou a restaurar uma área úmida crítica, permitindo que plantações comerciais de árvores e um Sítio do Patrimônio Mundial prosperem lado a lado.

Austrália: Práticas mais eficientes de produção de cana-de-açúcar estão ajudando a conservar a Grande Barreira de Corais através de reduzir poluição química e erosão do solo associadas ao escoamento superficial.

UM SALTO PARA O FUTURO 🐼

Além de ter uma das populações mais jovens do mundo, a RDC é um dos países que mais cresce em termos de população. Mas que futuro terão as crianças de Vitshumbi, uma vila de pescadores na margem sul do Lago Edward?

O Parque Nacional de Virunga é sua herança – e oferece um potencial enorme. Um estudo recente encarregado pela Rede WWF sugere que, numa situação estável em que o parque é devidamente protegido, seu valor econômico poderia ser mais de US\$1 bilhão por ano. Empreendimentos e indústrias responsáveis como o turismo dentro do parque poderia gerar 45.000 empregos.





O CAMINHO A TRILHAR

Os mesmos indicadores que mostram onde erramos podem nos mostrar um caminho melhor

A redução do LPI ou crescimento da sobrecarga ecológica não são inevitáveis. São a soma de milhões de decisões feitas com pouca ou nenhuma preocupação com a proteção da natureza: a má governança em nível local, nacional e internacional; políticas públicas com foco miópico em crescimento econômico e interesses restritos; modelos empresariais focados em lucros a curto prazo que não levam em consideração fatores externos e custos a longo prazo; meios de geração de energia, pesca, produção de alimentos e transporte de bens e pessoas que são ineficientes, ultrapassados e desnecessariamente destrutivos; estratégias desesperadas para ganhar o sustento; consumo excessivo que tornam poucas pessoas mais felizes ou mais saudáveis.

Em cada um destes casos, existe uma escolha melhor. Mudar de rumo e achar caminhos alternativos não será fácil. Mas pode ser feito.

Na Rio+20 em 2012, os governos do mundo afirmaram seu compromisso com “um futuro econômico, social e ambientalmente sustentável para o nosso planeta e para as gerações presentes e futuras”. Esta é “a Nossa Visão Comum”, o lugar onde queremos chegar. Pode ser observada no quadrante desenvolvimento sustentável global – um território ainda desocupado onde todos podem desfrutar de um alto nível de desenvolvimento humano com uma Pegada Ecológica dentro dos limites da biocapacidade global (Figura 8). É essencialmente o mesmo espaço vislumbrado pela rosquinha da Oxfam – o “espaço seguro e justo” que fica dentro dos limites planetários e assegura que todos alcancem níveis adequados de saúde, bem-estar e oportunidade (Figura 11).

A Perspectiva *One Planet* do WWF (Figura 13) dá uma idéia de como podemos alcançar este lugar, através de uma série de decisões práticas: redirecionar investimentos das causas de problemas ambientais e aplicá-los em soluções; para fazer escolhas justas e conscientes sobre como gerenciar os recursos que compartilhamos; preservar o capital natural remanescente, proteger e restaurar ecossistemas e habitats importantes; produzir e consumir de forma mais inteligente.

NÓS SABEMOS ONDE QUEREMOS CHEGAR
SABEMOS COMO CHEGAR LÁ
AGORA PRECISAMOS NOS MOVER

LISTA DOS ESCRITÓRIOS DA REDE WWF

Escritórios WWF*

África do Sul	Ilhas Salomão
Alemanha	Índia
Armênia	Indonésia
Austrália	Itália
Áustria	Japão
Azerbaijão	Laos
Bélgica	Madagascar
Belize	Malásia
Butão	Mauritânia
Bolívia	México
Brasil	Mongólia
Bulgária	Moçambique
Cambódia	Myanmar
Camerões	Namíbia
Canadá	Nepal
Chile	Noruega
China	Nova Zelândia
Cingapura	Panamá
Colômbia	Papua Nova Guiné
Coreia do Sul	Paquistão
Cuba	Paraguai
Dinamarca	Perú
Emirados Árabes Unidos	Polônia
Equador	Quênia
Espanha	Reino Unido
Estados Unidos	República Centro-Africana
Filipinas	República Democrática
Finlândia	do Congo
França	Romênia
Guiana Francesa	Rússia
Gabão	Senegal
Gâmbia	Suécia
Geórgia	Suíça
Gana	Suriname
Grécia	Tailândia
Guatemala	Tanzânia
Guiana	Tunísia
Holanda	Turquia
Honduras	Uganda
Hong Kong	Vietnã
Hungria	Zâmbia
Ilhas Fiji	Zimbábue

Associados WWF

Fundación Vida Silvestre (Argentina)
Pasaules Dabas Fonds (Letônia)
Nigerian Conservation Foundation
(Nigéria)

*Em julho de 2014

Detalhes da publicação

Publicado em Setembro de 2014 pelo WWF – World Wide Fund for Nature (antigamente World Wildlife Fund), Gland, Switzerland (“WWF”). Qualquer reprodução total ou parcial dessa publicação deve estar em acordo com as regras abaixo e mencionar o título e os devidos créditos ao WWF como editor e proprietário dos direitos autorais.

Citação recomendada:

WWF. 2014. *Living Planet Report 2014: People and places, species and spaces*. [McLellan, R., Iyengar, L., Jeffries, B. and N. Oerlemans (Eds)]. WWF, Gland, Switzerland.

Citação para textos, imagens e gráficos:

© 2014 WWF. Todos os direitos reservados.

Reprodução desta publicação (menos fotos) para objetivos educacional e não comercial é autorizada mediante pedido escrito prévio para o WWF com a razão mencionada. Reprodução desta publicação para revenda e outras razões comerciais é estritamente proibida sem autorização escrita do WWF. Reprodução de fotos para qualquer uso está restrita a uma autorização escrita do WWF.

A denominação das entidades nesse relatório e a apresentação desse material não expressam de forma alguma a opinião de parte do WWF sobre o status legal de qualquer país, território, área ou de suas autoridades, delimitação de limites e fronteiras.

Layout: millerdesign.co.uk

Adaptação de layout: Carlos Eduardo Peliceli
Tradução do texto para o português: Phil Reed
Edição do texto em português: Bruno Moraes

Foto de capa: © Agência Espacial Europeia

ISBN 978-2-940443-88-8

RELATÓRIO PLANETA VIVO 2014

LUGARES

Ecossistemas naturais - desde as florestas até os rios e os recifes - são o alicerce para construir comunidades saudáveis e resilientes

ESPÉCIES

A população de espécies de vertebrados caiu pela metade desde 1970 segundo o *Índice Planeta Vivo*



PESSOAS

Nossas necessidades, bem-estar e prosperidade dependem da natureza

ESPAÇOS

Atualmente, a humanidade exige o equivalente a 1,5 planetas de recursos naturais. A pressão sobre os ecossistemas está aumentando



Por que estamos aqui?

Para impedir a degradação do meio ambiente e construir um futuro no qual os seres humanos possam viver em harmonia com a natureza

www.wwf.org.br

